

UMA COMOVENTE HISTÓRIA DE AMOR SOBRE
ARRISCAR TUDO POR UM SONHO

NICHOLAS SPARKS

Mais de 150 milhões de livros vendidos

PRIMAVERA DOS SONHOS



PRIMAVERA
DOS SONHOS

PARTE I

Colby

1



Meu nome é Colby Mills, tenho 25 anos e estou sentado em uma cadeira de praia em St. Pete Beach, na Flórida, em um belo sábado em meados de maio. O cooler ao meu lado está abastecido com cerveja e água, e a temperatura está quase perfeita, com uma brisa constante forte o suficiente para manter os mosquitos longe.

Atrás de mim fica o Hotel Don CeSar, uma construção imponente que lembra uma versão cor-de-rosa do Taj Mahal, e daqui posso ouvir a música ao vivo que rola na área da piscina. O cara que está se apresentando é mediano; desafina de vez em quando, mas duvido que alguém se incomode. Dei uma espiada na piscina algumas vezes desde que me instalei aqui e percebi que a maioria dos hóspedes passou a tarde bebendo, logo provavelmente iriam gostar de qualquer coisa que ouvissem.

Não sou daqui, por sinal. Antes de vir para cá, eu nunca tinha ouvido falar deste lugar. Quando as pessoas da minha cidade me perguntaram onde ficava St. Pete Beach, expliquei que era uma cidade praiana que ficava do outro lado da ponte de Tampa, perto de St. Petersburg e Clearwater, na costa oeste da Flórida, o que não ajudou muito. Para a maioria delas, a Flórida se resume a parques de diversões em Orlando e mulheres de biquíni nas praias de Miami, mais um monte de outros lugares para os quais ninguém está nem aí. Sendo bem sincero, antes de eu vir, a Flórida para mim era só um estado com um formato esquisito pendurado na costa leste dos Estados Unidos.

A melhor atração de St. Pete é uma praia maravilhosa de areia branca, a mais bonita que já vi. Margeando o litoral há uma mistura de hotéis de luxo e acomodações de baixo custo, mas a maioria dos bairros lembra vizinhanças típicas de classe média, habitadas por aposentados e trabalhadores assalariados, além de famílias curtindo férias baratas. Também

tem os estabelecimentos de praxe, como fast-foods, centros comerciais, academias e lojas de artigos de praia baratos. No entanto, apesar desses sinais óbvios de modernidade, alguma coisa faz a cidade parecer um pouco esquecida.

Ainda assim, tenho que admitir que gosto daqui. Tecnicamente estou na cidade a trabalho, mas está mais para férias mesmo. No total, vou tocar por três semanas no Bobby T's Beach Bar, quatro vezes por semana, mas só por algumas horas. Então tenho bastante tempo para correr, ficar sentado ao sol ou fazer absolutamente nada. Seria fácil me acostumar com uma vida assim.

O público do Bobby T's é receptivo – e, sim, embriagado, como o do Don CeSar, mas não existe nada melhor que tocar para uma plateia entusiasmada. Ainda mais levando em conta que sou um zé-ninguém que veio de fora e que praticamente parou de tocar dois meses antes da formatura do ensino médio. Nos últimos sete anos, eu me apresentei de vez em quando para amigos ou em festas de conhecidos, mas só. Hoje considero a música um passatempo, embora seja algo que amo. Não tem nada de que eu goste mais do que passar o dia tocando ou compondo, mesmo que a vida real não me dê muito tempo para isso.

Na verdade, aconteceu uma coisa curiosa nos meus primeiros dez dias por aqui. Os dois primeiros shows foram como eu esperava, com um público que imaginei ser normal para o Bobby T's. Cerca de metade das cadeiras estava ocupada; a maioria dos frequentadores estava lá para curtir o pôr do sol, as bebidas e uma boa conversa com uma música de fundo. No terceiro show, no entanto, não sobrou uma cadeira vazia, e reconheci alguns rostos das apresentações anteriores. No quarto, não só as cadeiras estavam todas ocupadas como tinha gente disposta a ficar em pé para me ouvir tocar. Quase ninguém olhava para o pôr do sol, e algumas pessoas começaram a pedir que eu tocasse as minhas músicas. Pedidos de clássicas como “Summer of '69”, “American Pie” e “Brown Eyed Girl” eram frequentes em bares de praia, mas as minhas próprias composições? Isso era novidade.

Então, ontem à noite, a multidão se espalhou pela praia, cadeiras adicionais foram providenciadas e o pessoal do bar ajustou as caixas de som para que todos pudessem me ouvir. Enquanto eu me preparava para a apresentação, imaginei que aquele fosse o público normal das noites de sexta-feira,

mas Ray, o responsável por agendar os shows, jurou que o que estava acontecendo não era comum. Ele disse que, na verdade, era o maior público que já tinha visto no Bobby T's.

Eu deveria ter me sentido bem com isso, e acho que me senti, pelo menos um pouco. Ainda assim, não vi nada de mais na situação. Afinal, tocar para alguns turistas meio bêbados em um bar de praia que oferece promoção de happy hour está muito distante de lotar estádios pelo país.

Anos atrás, admito, ser “descoberto” tinha sido um sonho – acho que é um sonho para todos que adoram cantar –, que se dissolveu aos poucos à luz de uma realidade nova. Não me ressinto disso. Meu lado lógico sabe que o que queremos ter e o que conseguimos ter costumam ser duas coisas totalmente diferentes. Além do mais, em dez dias, vou ter que voltar para casa, para a mesma vida que levava antes de vir para a Flórida.

Não me entenda mal. Minha “vida real” não é ruim. Na verdade, sou muito bom no que faço, ainda que me sinta um pouco isolado por causa das muitas horas de trabalho. Nunca saí do país, nunca andei de avião e não sou muito bem informado, principalmente porque âncoras de telejornal me deixam entediado. Me conte o que está acontecendo no meu país ou no mundo, fale sobre alguma questão de grande importância política, e prometo fingir interesse. Embora isso provavelmente vá ofender algumas pessoas, eu nem sequer voto, e o único motivo pelo qual sei o sobrenome do governador é porque toquei em um bar chamado Cooper's em Carteret County, perto do litoral da Carolina do Norte, a mais ou menos uma hora da minha cidade.

Falando nisso...

Moro em Washington, uma cidadezinha que fica às margens do rio Pamlico, no leste da Carolina do Norte, embora muitas pessoas a chamem de *Pequena Washington* ou de *Washington Original*, para não confundir minha cidade natal com a capital da nação, cinco horas ao norte. Como se alguém pudesse confundir. Não existem dois lugares mais diferentes que Washington e Washington, D.C., principalmente porque a capital é uma cidade cercada de subúrbios e um eixo central do poder, ao passo que a minha cidade é pequena e rural, com um supermercado chamado Piggly Wiggly. Umas dez mil pessoas moram lá, e na adolescência eu me perguntava por que alguém faria isso por livre e espontânea vontade.

Passei a maior parte da vida querendo fugir de lá o mais rápido possível.

Agora, no entanto, concluí que existem lugares piores para chamar de lar. Washington é tranquila e as pessoas são gentis, do tipo que acena da varanda para os motoristas. Tem uma bela orla ao longo do rio com alguns bons restaurantes e, para quem gosta de arte, a cidade se orgulha do Teatro Turnage, onde os moradores podem assistir a peças encenadas por outros moradores. Há escolas, um Walmart e fast-foods e o clima é o ideal. Neva talvez uma ou duas vezes a cada dois ou três anos, e a temperatura no verão é bem mais moderada que em lugares como a Carolina do Sul ou a Geórgia. Velejar no rio é um passatempo popular, e posso botar a prancha de surfe na caminhonete e estar na praia antes mesmo de terminar o café grande para viagem. Greenville – uma cidade pequena, mas uma cidade de fato, com times universitários, cinemas e restaurantes mais variados – fica pertinho, a 25 minutos de carro.

Em outras palavras, gosto da minha cidade. Não costumo ficar pensando se estou perdendo algo maior, melhor ou sei lá o quê. Via de regra, deixo as coisas acontecerem e tento não esperar muito nem me arrepender demais. Talvez esse jeito de viver não pareça lá muito especial, mas funciona para mim.

Acho que minha atitude pode ter algo a ver com a forma como fui criado. Quando eu era criança, morava com minha mãe e minha irmã em uma casinha não muito longe da orla. Não conheci meu pai. Minha irmã, Paige, é seis anos mais velha que eu, e as recordações que tenho da infância são vagas, borradas pela passagem do tempo. Tenho uma lembrança difusa de cutucar um sapo que saltava pela grama e outra da minha mãe cantando na cozinha, e só. Ela morreu quando eu tinha 5 anos, então minha irmã e eu fomos morar com nossos tios na fazenda deles, que ficava nos arredores da cidade. Minha tia era a irmã (bem) mais velha da minha mãe e, embora elas nunca houvessem sido muito próximas, meus tios eram a única família que a gente tinha. Na cabeça dos dois, eles fizeram o necessário porque também era a coisa certa a fazer.

Meus tios eram pessoas boas, mas, como nunca tiveram filhos, duvido que soubessem de verdade o que estavam assumindo. Cuidar da fazenda tomava quase todo o tempo deles, e Paige e eu não éramos as crianças mais fáceis do mundo, principalmente no início. Eu era propenso a acidentes – na época, eu estava crescendo depressa e parecia tropeçar a cada dois ou três passos. Também chorava bastante, principalmente por sentir falta da

minha mãe, eu acho, embora disso eu não me lembre. Já Paige estava muito acima da média no que se refere a mau humor adolescente. Era capaz de gritar, chorar ou dar um ataque e passar dias trancada no quarto enquanto esperneava e se recusava a comer. Ela e minha tia eram como fogo e gelo desde o início, mas sempre me senti seguro com ela.

Ainda que meus tios fizessem o melhor que podiam, a sobrecarga devia ser esmagadora, então pouco a pouco minha irmã foi ficando responsável pela minha criação. Era ela quem arrumava minha lancheira e me levava até o ponto de ônibus; ela preparava sopa enlatada ou macarrão instantâneo com queijo nos fins de semana e ficava sentada comigo vendo desenhos. E, como dormíamos no mesmo quarto, era com ela que eu conversava antes de dormir. Às vezes, mas não sempre, além de dar conta das próprias obrigações na fazenda, ela me ajudava com as minhas. Paige era de longe a pessoa em quem eu mais confiava no mundo.

Ela também era talentosa. Adorava desenhar e passava horas praticando, por isso não é nenhuma surpresa que tenha se tornado artista. Hoje, ela ganha a vida trabalhando com vitrais, fazendo réplicas de abajures da Tiffany que custam muito dinheiro e fazem sucesso entre decoradores sofisticados. Ela montou uma loja on-line muito boa e tenho orgulho dela, não só por tudo o que ela representou para mim na infância, mas porque ela apanhou da vida de diversas maneiras. Houve momentos, admito, em que me perguntei como ela conseguia seguir em frente.

Não me entenda mal quanto aos meus tios. Embora Paige cuidasse de mim, eles sempre fizeram as coisas importantes. Tínhamos boas camas e ganhávamos roupas novas para a escola todo ano. Sempre havia leite na geladeira e lanches nos armários. Nenhum dos dois era violento, eles raramente levantavam a voz, e acho que a única vez que os vi bebendo uma taça de vinho foi em um réveillon na minha adolescência. Mas cuidar de uma fazenda é um trabalho duro; uma fazenda, em muitos aspectos, é como uma criança exigente e sempre carente, e eles não tinham tempo nem energia para ir aos eventos da escola, levar a gente às festas de aniversário dos amigos ou mesmo jogar bola nos fins de semana.

Não existem fins de semana em uma fazenda; sábados e domingos são como qualquer outro dia. A única coisa que fazíamos em família era jantar quase toda noite às seis, e parece que eu me lembro de todos esses jantares, sobretudo porque era sempre a mesma coisa. Eles nos chamavam

na cozinha, onde ajudávamos a servir a comida na mesa. Uma vez sentados, minha tia perguntava o que tínhamos feito na escola, mais por uma questão de obrigação que por interesse genuíno. Enquanto respondíamos, meu tio passava manteiga em duas fatias de pão para acompanhar a refeição, independentemente do que estivéssemos comendo, e sempre assentia em silêncio. Depois disso, nossas refeições eram pontuadas apenas pelo barulho dos talheres nos pratos. Às vezes Paige e eu conversávamos, mas meus tios se concentravam em terminar de comer como se aquela fosse qualquer outra tarefa que precisassem cumprir. Os dois eram bastante quietos, mas meu tio elevava o silêncio a níveis jamais vistos. Acontecia de eu ficar dias sem ouvi-lo dizer uma palavra sequer.

No entanto, ele tocava violão. Não faço ideia de onde aprendeu, mas tocava razoavelmente bem e tinha uma voz áspera e retumbante que chamava a atenção. Suas músicas favoritas eram as do Johnny Cash e do Kris Kristofferson – meio country folk, ele dizia –, e, uma ou duas vezes por semana, depois do jantar, ele se sentava na varanda e tocava. Quando comecei a demonstrar interesse, acho que com 7 ou 8 anos, ele me passou o violão e, com suas mãos calejadas, me ensinou os acordes. Eu não era um talento nato, de jeito nenhum, mas ele tinha uma paciência surpreendente. Mesmo tão novo, percebi que havia encontrado minha paixão. Enquanto Paige tinha as artes plásticas, eu tinha a música.

Comecei a praticar sozinho. Também comecei a cantar, principalmente o tipo de música que meu tio cantava, porque eram as únicas que eu conhecia. Meus tios me deram um violão de Natal e uma guitarra no ano seguinte. Passei a tocar de ouvido as músicas que escutava no rádio, sem nunca ter aprendido a ler partitura. Aos 12 anos, tinha chegado ao ponto de ouvir uma música uma vez e reproduzi-la quase com perfeição.

Conforme fui ficando mais velho, minhas obrigações na fazenda foram aumentando naturalmente, e eu nunca conseguia praticar tanto quanto gostaria. Não bastava dar comida e água para as galinhas toda manhã: eu consertava canos de irrigação ou passava horas no sol tirando parasitas das folhas de tabaco e esmagando-os com os dedos, o que era tão nojento quanto parece.

Muito antes de chegar à adolescência, já tinha aprendido a dirigir qualquer coisa que tivesse motor – tratores, retroescavadeiras, colheitadeiras, semeadeiras, o que fosse – e passava fins de semana inteiros fazendo

exatamente isso. Também aprendi a consertar qualquer coisa que estivesse quebrada, embora mais tarde fosse odiar todas essas tarefas. Com as obrigações na fazenda e a música ocupando quase todo o meu tempo, alguma coisa seria sacrificada, e minhas notas na escola começaram a cair. Não me importei. A única matéria de que gostava era música, principalmente porque minha professora era uma compositora amadora. Ela me dava atenção especial e, com sua ajuda, escrevi minha primeira música, aos 12 anos. Depois disso fiquei viciado e comecei a compor sem parar, melhorando aos poucos.

A essa altura, Paige estava trabalhando com um artista local especializado em vitrais. Enquanto cursava o ensino médio, ela pegava meio expediente no ateliê, mas antes mesmo da formatura já criava os próprios abajures no estilo da Tiffany. Ao contrário de mim, Paige sempre tirava notas boas, mas não quis ir para a faculdade. Em vez disso, dedicou-se ao próprio negócio e acabou conhecendo um cara e se apaixonando. Ela foi embora da fazenda, mudou-se para outro estado e se casou. Eu mal tinha notícias dela; depois que ela teve um filho, eu só a via nas raras ligações pelo FaceTime, com a aparência cansada e segurando o bebê que chorava. Pela primeira vez na vida, eu sentia que não tinha ninguém cuidando de mim.

Juntando todas essas coisas – meus tios sobrecarregados, minha falta de interesse pela escola, minha irmã que foi embora e as tarefas que passei a odiar –, não surpreende que eu tenha começado a me rebelar. Assim que entrei no ensino médio, acabei me encaixando em um grupo de garotos com as mesmas tendências, e vivíamos instigando uns aos outros a fazer besteira. No início, eram pequenas coisas – jogar pedras nas janelas de casas abandonadas, passar trotes no meio da noite, roubar um chocolate em uma loja de conveniência –, mas, em poucos meses, um desses amigos roubou uma garrafa de gim do armário de bebidas do pai. Nós nos encontramos na beira do rio e passamos a garrafa de mão em mão. Bebi demais e vomitei a noite inteira e, sendo bem sincero, admito que não aprendi a lição. Em vez de rejeitar a garrafa quando ela vinha na minha direção, passei inúmeros fins de semana com o cérebro imprestável. Minhas notas continuaram baixas e passei a deixar de cumprir algumas tarefas. Não me orgulho da pessoa que eu era nessa época, mas também sei que é impossível mudar o passado.

Logo no início do segundo ano, entretanto, minha vida deu uma guinada. Naquele momento, eu já tinha me afastado das más companhias e

fiquei sabendo que uma banda local precisava de um guitarrista. *Por que não?*, pensei. Eu tinha só 15 anos e, quando apareci para o teste, vi os membros da banda – todos na casa dos 20 – segurando o riso. Ignorei os caras, liguei minha guitarra e toquei o solo “Eruption”, do Eddie Van Halen. Pergunte a qualquer entendido no assunto e ele vai lhe dizer que não é fácil. Resumindo, acabei fazendo meu primeiro show com eles no fim de semana seguinte, depois de ouvir todas as músicas pela primeira vez no único ensaio que tivemos. Comparado com eles – cheios de piercings, tatuagens e com o cabelo comprido ou descolorido espetado –, eu parecia alguém que cantava no coral da igreja, então eles me colocavam no fundo do palco, perto do baterista, mesmo durante os meus solos.

Se antes a música não consumia todo o meu tempo e minha atenção, logo passou a consumir. Deixei o cabelo crescer, fiz tatuagens (o que era proibido antes dos 18 anos) e a banda enfim permitiu que eu tocasse na frente do palco. Na fazenda, parei de fazer praticamente todas as minhas tarefas. Meus tios ficaram perdidos e escolheram me ignorar, o que evitava ao máximo os conflitos. Até paramos de fazer as refeições juntos. Eu me dedicava mais e mais à música, sonhando em tocar para multidões.

Em retrospecto, eu provavelmente deveria saber que nunca daria certo, porque a banda nem era tão boa assim. Todas as nossas músicas eram na linha “gritaria pós-punk”, e, embora algumas pessoas gostassem, tenho certeza de que a maior parte das plateias para as quais tocamos em nossa região da Carolina do Norte não ficava exatamente deslumbrada. Ainda assim, conseguimos encontrar um pequeno nicho, e até quase o final do meu último ano na escola tocamos de 20 a 25 fins de semana por ano em espeluncas, chegando a lugares mais distantes como Charlotte.

No entanto, havia desentendimentos na banda, e as coisas foram piorando com o tempo. O vocalista insistia que tocássemos só as músicas que ele escrevia, e, embora talvez não pareça grande coisa, o ego é o maior motivo para as bandas acabarem. Para piorar as coisas, o restante de nós sabia que a maioria das músicas dele era medíocre. Ele acabou anunciando que estava de mudança para Los Angeles a fim de tentar carreira solo, uma vez que nenhum de nós reconhecia sua genialidade. Assim que ele saiu, o baterista – aos 27, ele era o mais velho da banda – contou que estava igualmente de saída, o que também não foi nenhuma surpresa, pois fazia um tempo que a namorada o pressionava para que sossegasse um pouco. Enquanto ele

guardava a bateria no carro, os três de nós que ainda restavam acenamos com a cabeça um para o outro, sabendo que era o fim, e pegamos nossas coisas. Depois daquela noite, nunca mais falei com nenhum deles.

O estranho é que não fiquei exatamente deprimido, mas perdido mesmo. Por mais que gostasse de tocar, havia drama de mais e ímpeto de menos para levar a banda a algum lugar. Ao mesmo tempo, eu não tinha ideia do que fazer com a minha vida, então segui o fluxo. Eu me formei – provavelmente porque os professores não queriam ser obrigados a lidar comigo por mais um ano – e passei muito tempo no meu quarto, compondo e gravando músicas que depois postava no Spotify, no Instagram e no YouTube, mas ninguém parecia se interessar muito.

Aos poucos, voltei a ajudar na fazenda, embora fosse evidente que meus tios já tivessem desistido de mim havia muito tempo. E, o mais importante, comecei a fazer um balanço da minha vida, sobretudo quando passei a ficar mais tempo na propriedade. Por mais egoísta que fosse, até eu enxergava que meus tios estavam ficando velhos e que a fazenda estava em dificuldades. Quando cheguei, ainda criança, havia cultivo de milho, algodão, mirtilo, tabaco, e criávamos milhares de frangos para processamento. Tudo isso tinha mudado nos últimos anos. Más colheitas, decisões equivocadas, preços em queda e empréstimos ruins fizeram com que boa parte do terreno original fosse vendida ou arrendada para os vizinhos. Eu me perguntava como não tinha percebido as mudanças enquanto elas aconteciam, ainda que soubesse muito bem a resposta.

Então, em uma manhã quente de agosto, meu tio teve um ataque cardíaco enquanto caminhava até o trator. Sua artéria descendente anterior esquerda estava entupida; como o pessoal do hospital explicou, era o tipo de infarto que alguns chamam de “fazedor de viúvas”, porque as chances de sobrevivência são incrivelmente baixas. Não sei se foi todo aquele pão com manteiga que ele comia no jantar, mas ele faleceu antes mesmo que a ambulância chegasse. Foi minha tia quem o encontrou, e nunca ouvi ninguém gritar e chorar como ela naquela manhã.

Paige voltou para o enterro e ficou um tempinho, deixando o filho com o marido e a sogra. Eu temia que seu retorno criasse mais conflitos, mas minha irmã pareceu reconhecer que algo havia se partido dentro da minha tia, assim como ela às vezes se sentia partida ao meio. É impossível saber o que acontece na vida privada dos outros, mas, como eu nunca tinha

visto meus tios agirem com qualquer romantismo, acho que cresci achando que eles fossem mais parceiros de negócios que um casal apaixonado. Obviamente, eu estava errado. Aos meus olhos, minha tia pareceu encolher depois disso. Ela mal comia e carregava sempre um lenço para enxugar o fluxo constante de lágrimas. Paige passava horas ouvindo suas histórias, cuidava da casa e garantia que os funcionários da fazenda seguissem um cronograma. Mas ela não poderia ficar para sempre, e, depois que ela foi embora, de repente me vi tentando cuidar das coisas como minha irmã vinha fazendo.

Além de gerenciar a fazenda e assegurar que minha tia se alimentasse bem, comecei a mexer nas pilhas de faturas e documentos que havia na mesa do meu tio. Mesmo com minhas poucas habilidades matemáticas, consegui ver que a operação estava um caos. Embora a colheita de tabaco ainda rendesse algum dinheiro, as galinhas, o milho e o algodão vinham dando prejuízo. Para evitar uma falência iminente, meu tio já tinha providenciado o arrendamento de mais lotes de terra aos vizinhos. Embora isso resolvesse o problema imediato, eu sabia que ia deixar a fazenda com um problema maior no longo prazo. Minha reação inicial foi tentar convencer minha tia a vender o que restava da fazenda para que ela pudesse comprar uma casa pequena e se aposentar, mas ela rejeitou a ideia no ato.

Na mesma época, também encontrei recortes feitos pelo meu tio de várias revistas e informativos que abordavam o mercado de opções mais saudáveis e exóticas de alimentos, junto com algumas anotações e projeções de receita que ele já tinha calculado. Meu tio podia ser uma pessoa fechada e talvez não fosse exatamente um homem de negócios, mas com certeza estava considerando algumas mudanças. Falei sobre essas iniciativas com minha tia, e ela acabou concordando que a única opção era colocar os planos do meu tio em prática.

Não tínhamos dinheiro para fazer muitas coisas logo de cara, mas, nos últimos sete anos, com muito esforço, riscos, desafios, a ajuda financeira de Paige, golpes de sorte ocasionais e muitas noites sem dormir, aos poucos passamos de criadores de frango para processamento a uma fazenda especializada em ovos orgânicos de galinhas criadas livres. É um negócio com uma margem de lucro muito maior, e vendemos os ovos para mercearias das Carolinas do Norte e do Sul.

Embora ainda cultivemos tabaco, usamos o restante das terras para plantar tomates *heirloom*, populares em restaurantes sofisticados e mercearias gourmet, e a margem de lucro também se mostrou substancial. Há quatro anos, a fazenda deu lucro pela primeira vez em anos, e começamos a reduzir nossas dívidas a níveis razoáveis. Até retomamos alguns dos lotes arrendados, então a fazenda voltou a crescer, e ano passado rendeu mais do que nunca.

Como eu disse, sou muito bom no que faço.

Eu sou agricultor.

2



É, eu sei. A trajetória da minha carreira às vezes parece improvável até para mim, principalmente depois de ter passado anos renegando tudo o que dizia respeito à fazenda. Com o tempo, comecei a aceitar a ideia de que nem sempre podemos escolher nosso caminho na vida; às vezes, é o caminho que nos escolhe.

Também fico feliz por ter conseguido ajudar minha tia. Paige está orgulhosa de mim, e eu sei disso, pois nos vemos bastante ultimamente. O casamento dela teve um desfecho terrível – basicamente o pior que você poderia imaginar –, e ela voltou para a fazenda há seis anos. Por um período, moramos todos juntos na casa, como nos velhos tempos. Mas não demorou muito para perceber que dividir um quarto não era algo que Paige ou eu quiséssemos na idade adulta. Então construí uma casa menor e mais prática para minha tia do outro lado da estrada, nos limites da propriedade. Agora só minha irmã e eu moramos juntos, o que pode parecer estranho para alguns, mas eu gosto, pois ela ainda é minha melhor amiga. Ela produz os vitrais no celeiro, eu cuido da fazenda, e fazemos as refeições juntos algumas vezes por semana. Ela se tornou uma boa cozinheira, e, quando nos sentamos à mesa, às vezes me lembro de nossos jantares da infância.

Em outras palavras, minha vida é muito boa hoje em dia, mas veja que curioso: quando digo às pessoas que sou agricultor, a maioria delas inclina a cabeça e me olha de um jeito meio estranho. É comum que não saibam o que dizer em seguida. Se digo que minha família tem uma fazenda, no entanto, o rosto delas se ilumina, elas abrem um sorriso e começam a fazer perguntas. Não sei exatamente a razão dessa diferença, mas já aconteceu em algumas ocasiões desde que cheguei à Flórida. Às vezes, depois de um show, as pessoas me abordam e puxam conversa, e, quando percebem que

não sou ninguém na música, o assunto acaba mudando para o que faço para ganhar a vida. Se quero prolongar a conversa, respondo que tenho uma fazenda; se não quero, digo que sou agricultor.

Apesar do sucesso nos últimos anos, o estresse no gerenciamento da fazenda é desgastante. Decisões diárias têm consequências de longo prazo, e toda escolha está atrelada às demais. Será que levo o trator para o conserto e assim tenho mais tempo para os clientes? Ou eu mesmo conserto, para economizar os mil dólares? Será que amplio as variedades de tomate? Ou me especializo em poucos e procuro mais pontos de venda?

A Mãe Natureza também tem seus caprichos, e, ainda que eu tome uma decisão que pareça correta na hora, às vezes coisas ruins acontecem de qualquer jeito. Será que os aquecedores vão funcionar direito para que as galinhas fiquem aquecidas nas raras vezes em que neva? Será que o furacão vai passar direto, ou os ventos e a chuva vão destruir a plantação?

Todos os dias sou responsável por garantir bons cultivos e galinhas saudáveis e todos os dias surge alguma questão que aumenta ainda mais o desafio. Enquanto algumas coisas estão sempre crescendo, outras estão sempre em declínio, e alcançar o equilíbrio perfeito às vezes parece uma tarefa impossível. Eu poderia trabalhar 24 horas por dia e ainda assim nunca dizer a mim mesmo: *Pronto. Não tenho mais nada para fazer.*

Estou contando tudo isso apenas para explicar por que essa viagem de três semanas para a Flórida são as primeiras férias de verdade que tiro em sete anos. Paige, minha tia e o gerente da fazenda insistiram que eu viesse. Antes disso, eu nunca tinha tirado nem uma semana de folga, e posso contar nos dedos de uma das mãos quantos fins de semana me obriguei a passar longe de lá.

No entanto, as preocupações sobre a fazenda se intrometem nessa minha folga com frequência; na primeira semana, devo ter ligado para minha tia umas dez vezes para saber como estavam as coisas. Ela acabou me proibindo de telefonar e disse que dá conta junto com o gerente, então, nos últimos três dias não entrei em contato nem uma vez, nem mesmo quando a vontade pareceu incontrolável. Não liguei nem para Paige. Ela tinha recebido uma encomenda bem grande antes de eu vir, e eu já sabia que ela não ia atender o celular depois que entrasse no modo de trabalho frenético. Tudo isso significa que, além das férias inéditas, parece que estou sozinho com meus pensamentos pela primeira vez na vida.

Tenho quase certeza de que minha namorada, Michelle, iria gostar dessa minha versão relaxada e saudável longe do trabalho pesado. Ou melhor, minha ex-namorada. Michelle sempre reclamava que eu me dedicava mais aos problemas da fazenda que à minha própria vida. Eu a conheço desde o ensino médio – superficialmente, pois ela namorava um garoto da equipe de futebol americano e é dois anos mais velha que eu, mas ela sempre era simpática quando nos esbarrávamos nos corredores, embora fosse a garota mais bonita da escola.

Michelle desapareceu da minha vida por alguns anos até voltarmos a nos encontrar em uma festa depois que ela se formou na faculdade. Ela era enfermeira e trabalhava no Centro Médico Vidant, em Greenville, mas tinha voltado a morar com os pais na intenção de guardar dinheiro suficiente para dar entrada em um imóvel por lá. Aquela conversa inicial levou a um primeiro encontro, depois a um segundo, e, durante os dois anos em que namoramos, eu me considerei um cara de sorte. Ela era inteligente e responsável e tinha senso de humor, mas pegava turnos à noite e eu estava sempre trabalhando, e com isso acabávamos passando pouco tempo juntos. Quero acreditar que seríamos capazes de superar isso, mas aos poucos percebi que, embora gostasse dela, eu não a amava. Tenho quase certeza de que ela sentia o mesmo por mim, e, quando ela finalmente comprou o apartamento, ficou quase impossível nos encontrarmos.

Não houve nenhum término complicado, raiva, brigas nem xingamentos; na verdade, nós dois começamos a ligar e mandar mensagens cada vez menos, até que chegou um momento em que passamos quase duas semanas sem notícias um do outro. Embora não tenhamos terminado formalmente, nós dois sabíamos que era o fim. Alguns meses depois ela conheceu outra pessoa, e há cerca de um ano vi no Instagram que ela acabara de ficar noiva. Para facilitar as coisas, parei de segui-la nas redes sociais, apaguei seu contato do meu celular e nunca mais soube dela.

Eu me peguei pensando nela mais que o normal aqui, talvez porque parece haver casais por toda parte. Eles estão nos meus shows, caminhando de mãos dadas na praia, sentados frente a frente no jantar olhando nos olhos um do outro. Também há famílias aqui, é claro, mas não tantas como eu imaginava. Não conheço o cronograma escolar da Flórida, mas provavelmente as crianças ainda estão em aula.

Ontem, no entanto, reparei em um grupo de mulheres jovens algumas

horas antes do meu show. Era início de tarde e eu estava caminhando na beira do mar depois do almoço. O dia estava quente e ensolarado, com umidade suficiente para deixar o ar pegajoso, então tirei a camisa e a usei para enxugar o suor do rosto. Quando me aproximei do Don CeSar, uma coisa cinza emergiu e desapareceu na água pouco depois da arrebentação, e logo depois mais uma. Demorei alguns segundos para perceber que era um grupo de golfinhos avançando devagar ao longo da costa. Parei para olhar, pois nunca tinha visto golfinhos na natureza antes. Eu estava observando o progresso deles quando ouvi as garotas se aproximarem e pararem a alguns metros de distância.

As quatro conversavam em voz alta, e fiquei surpreso ao notar que todas elas eram de uma beleza estonteante. Pareciam prontas para um ensaio fotográfico, com biquínis em cores vibrantes e dentes perfeitos que brilhavam quando elas riam, o que me fez pensar que tinham passado bastante tempo no ortodontista durante a adolescência. Desconfiei que eram alguns anos mais novas que eu, talvez universitárias de férias.

Quando voltei a prestar atenção nos golfinhos, uma delas arquejou e apontou; pelo canto do olho, vi as outras olharem na mesma direção. Embora eu não estivesse tentando ouvir, elas não falavam nem um pouco baixo.

- É um tubarão? – perguntou uma delas.
- Deve ser um golfinho – respondeu outra.
- Mas eu vi uma barbatana.
- Os golfinhos também têm barbatanas dorsais...

Eu sorri por dentro, pensando que talvez não tivesse perdido tanto assim ao não ir para a faculdade. Como era de se esperar, elas começaram a tirar selfies, tentando enquadrar os golfinhos ao fundo. Depois de um tempo, estavam fazendo aquelas caras bobas que a gente vê nas redes sociais, como a expressão séria fingindo ser modelo, que Michelle chamava de “olhar de peixe morto”. Lembrar disso me fez rir baixinho.

Uma das garotas devia ter escutado, porque de repente olhou na minha direção. Fiz questão de evitar o contato visual, me concentrando nos golfinhos. Quando eles seguiram para alto-mar, achei que era hora de dar meia-volta. Desviei das mulheres – três delas ainda conversando e analisando suas selfies –, mas aquela que antes tinha me olhado ficou me encarando.

- Belas tattoos – disse ela quando me aproximei.

Admito que o comentário me pegou de surpresa. Ela não estava exatamente flertando, mas pareceu um pouco interessada. Por um instante, me perguntei se deveria parar e me apresentar, mas isso durou só um segundo. Não era preciso ser nenhum gênio para ver que ela era muita areia pro meu caminhãozinho, então dei um sorriso rápido e continuei andando.

Quando ela arqueou uma sobrancelha por causa do meu silêncio, tive a sensação de que ela sabia exatamente o que eu estava pensando. A garota voltou a atenção para as amigas e eu continuei andando, lutando contra a vontade de me virar. Quanto mais eu tentava não olhar, mais difícil era; no fim, acabei me permitindo uma espiada rápida.

Pelo jeito, ela estava esperando que eu fizesse isso. Continuava com a mesma expressão de interesse, e, quando deu um sorriso malicioso, eu me virei e segui em frente, sentindo um rubor subindo pelo pescoço que não tinha nada a ver com o sol.

CONHEÇA OS LIVROS DE NICHOLAS SPARKS

O melhor de mim
O casamento
À primeira vista
Uma curva na estrada
O guardião
Uma longa jornada
Uma carta de amor
O resgate
O milagre
Noites de tormenta
A escolha
No seu olhar
Um porto seguro
Diário de uma paixão
Dois a dois
Querido John
Um homem de sorte
Almas gêmeas
A última música
O retorno
O desejo
Primavera dos sonhos

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

